

11. Ser ajudado a julgar corretamente. A obediência.

O que disse sobre o critério evangélico relativo ao nosso interesse, é um aspecto importante, que na minha opinião não é muito enfatizado na formação, também na formação a viver os votos e as promessas.

De fato, percebo que 90% das infidelidades a uma vocação e os empenhos que comporta, seja na vida religiosa como na vida laical, provêm de um erro, ou de uma confusão, em julgar o que é melhor para nós. As vezes este discernimento confuso temos em relação aos outros, e então, especialmente se for confiada a formação ou a guia de uma comunidade, arriscamos fazer danos muito graves. Se, por exemplo, estiver dirigindo um carro e tiver certeza de que é bom para a minha Fiat 500 correr a 200 km por hora, ainda por cima numa estradinha de montanha, esta concepção errada vai fazer com que eu acabe morto e duro no fundo do vale, junto com os que estão no carro comigo. Ou então, ao invés, de dirigir uma Fiat 500, eu fosse um condutor de um ônibus, o meu erro de critério poderia levar cerca cinquenta pessoas a ruína.

Vocês vão dizer que precisa ser muito burro para pensar que se pode dirigir a 200 km/h numa estradinha de montanha. O verdadeiro problema nestes casos não é a burrice, porque como crianças ou antes de sermos informados sobre algo, somos todos essencialmente ignorantes. O verdadeiro problema é a falta de humildade que nos leva a acreditar que um nosso critério é melhor do que procurar conselhos e confiar na experiência dos outros, ou seja, aquilo que se pensa e crê é mais garantido daquilo que se aprende.

Quanto dano fazem os superiores ou formadores que não têm a humildade de perguntar, aprender e ouvir para formar um reto critério sobre o que é bom para si, para a comunidade, para cada pessoa que encontramos! Infelizmente, na sociedade humana, e muitas vezes nas sociedades eclesiais, se crê ser tanto mais responsáveis e com autoridade quanto menos se pergunta, aprende e ouve os outros. Aqui está toda a importância da sinodalidade, e por isso a sinodalidade, antes de ser uma questão de práticas, é uma questão de humildade na busca da verdade e bondade daquilo que julgamos, decidimos e fazemos.

Se compreendermos isto, talvez depois de alguma experiência de erros e desastres causados pela nossa orgulhosa autonomia e comportamento, compreendemos porque o primeiro voto que a Igreja, e em particular São Bento, nos pede que façamos é o de obediência.

Não sei se existe uma definição mais concisa e profunda de obediência daquela que dá São Bento no início do Capítulo 5 da Regra: "O primeiro grau da humildade é a obediência sem demora. É peculiar àqueles que estimam nada haver mais caro que o Cristo; por causa do santo serviço que professaram, por causa do medo do inferno ou por causa da glória da vida eterna." (RB 5,1-3)

Em poucos versículos tem tudo. Aqui estão todos os votos e empenhos da nossa vocação, mas também como cada batizado, e de todas as formas de vocação.

A obediência sem demora, sem atraso, sem colocar algo entre o que nos pedem e o "sim" que a realiza, não significa que é automático, como apertar um botão e a máquina faz imediatamente o que deve fazer. A obediência imediata significa, na verdade, *liberdade imediata*. Não somos feitos para funcionar como máquinas, mas para escolher, para escolher entre o sim e o não. Jesus também nos lembra: "Que o vosso discurso seja: 'Sim, sim', 'Não, não'; mais vem do Maligno" (Mt 5,37). Se não há liberdade que decida, que escolha, não há humanidade. O demônio não pode mais escolher dizer "sim" a Cristo: escolheu um eterno "não", e quer arrastar toda a humanidade para esta rejeição de Cristo. Quanta tristeza todas estas figuras da política, entretenimento, pensamento, que são vendidas como escravas ao poder do mal, que já não podem dizer sim a Cristo, isto é, sim a verdade, a vida, ao amor, a verdadeira paz! Como é importante que vivamos a nossa obediência com verdade e amor. Não é questão de obedecer para que as coisas funcionem bem, como uma máquina, um computador. Não. Trata-se de dizer sim a Cristo com liberdade constante, sempre renovada, em todas as oportunidades, mesmo as menores.

A obediência, diz S. Bento, "é para aqueles que não estimam nada mais caro do que Cristo". A obediência que nos pede para cultivar é o sim dos apaixonados, a liberdade dos corações apaixonados pelo Senhor. Não ter nada mais caro para si que Cristo corresponde, em positivo, a afirmação de São Paulo: "Todos procuram os seus próprios interesses, não os de Jesus Cristo" (Fl 2,21). Procurar os interesses de Cristo é não ter nada mais caro que Ele, nada mais precioso do que Ele. Não se hesita em obedecer, porque antes de pensar no seu próprio interesse, pensa em Cristo, está interessado em Cristo, não quer perder Cristo, mesmo que por Cristo perdesse a sua vida, ou tudo o que tem, ou o lugar de autonomia da sua liberdade.

Vivemos numa cultura em que todos lutam para salvar o lugar autônomo da própria liberdade, sem se perceber que neste lugar se está sozinho, sem amor, simplesmente porque ali não há lugar para os outros, só há lugar para si mesmo. Pensemos nos milhões de crianças abortadas para "salvar" o lugar de liberdade das que os deveriam acolher. Que liberdade resta sem aquele filho ou filha que não acolheste? Resta com uma liberdade amputada do seu destino de amor, de se tornar amor, de se realizar, como a liberdade de Deus, na caridade, na doação de si a Cristo e a todos, especialmente aos mais pequenos e indefesos.

Sinto-me pequeno e discípulo daqueles que acolhem um filho que, por doença ou outras razões, vem a limitar a liberdade de ação, a sua liberdade de fazer o que se quer. Curvo-me e aprendo porque aí se vê que aqueles que dizem este sim, se encontram com infinita liberdade, a liberdade de amar como Deus ama. A liberdade pela qual fazemos o voto de obediência.